



GT 60. No elã das palavras: contribuições da escrita criativa à etnografia

Coordenador(es):

Juliane Bazzo (UFGD - Fundação Universidade Federal da Grande Dourados)

Victoria Irisarri (IDAES-UNSAM/CONICET)

Sessão 1

Debatedor/a: Aline Lopes Rochedo (UFRGS)

Sessão 2

Debatedor/a: Talita Jabs Eger (..)

A despeito das possibilidades imagéticas de representação etnográfica, a escrita ocupa papel valioso no fazer antropológico, em tarefas como registrar vivências de campo, analisar dados e construir a narrativa dos estudos da disciplina. Diante dessa imprescindibilidade e, sobretudo, da crescente exploração de formatos inovadores de relatos etnográficos, este grupo de trabalho almeja discutir alternativas de redação que ofereçam, no âmbito da escrita criativa, a possibilidade de produzir textos capazes de potencializar a complexidade da empreitada antropológica. O debate pretendido pressupõe problematizar implicaçõesêmicas, teóricas, éticas e políticas de tais escolhas no processo de reflexividade. Acredita-se que o despertar dessa consciência textual oportuniza às experiências vividas por pesquisadores e interlocutores a chance de serem melhor representadas e apreendidas pelos leitores. Nesse contexto, o grupo espera receber trabalhos: (i) que revisem bibliograficamente o uso de recursos de escrita criativa em etnografias clássicas ou contemporâneas; (ii) que contemplem a elaboração de diários de campo ou cadernos de notas; (iii) que abranjam relatos etnográficos em formatos não tradicionais, com o emprego de ferramentas literárias e artísticas; (iv) que apresentem criticamente usos da escrita criativa em práticas de ensino de etnografia em cursos de Antropologia; (v) e que dissertem sobre processos e desafios da elaboração textual nas investigações da disciplina.

Reflexões sobre a escrita e a construção de um campo de pesquisa em dança

Autoria: Maria Pilar Cabanzo Chaparro (UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro)

O work procura refletir sobre os desafios da escrita na pesquisa antropológica, especificamente a partir da descrição do empreendimento de grande fôlego que supôs delimitar e conformar o campo protagonista da minha tese de doutoramento em Antropologia. Na tese analiso, desde uma perspectiva etnográfica, aspectos da conformação de um mercado dedicado à dança caribenha de salsa na cidade do Rio de Janeiro. Começo chamando a atenção para posições da minha trajetória pessoal que considero foram definitivas para a construção do relato que envolve a pesquisa. Uma dessas posições se relaciona à minha origem estrangeira no Brasil. Fui criada em uma região que pode ser considerada periférica, se olharmos para as dominâncias geopolíticas globais, inclusive no que tange ao domínio na produção de conhecimento antropológico. Nesse sentido, busco fazer uma reflexão que entrecruza minhas origens com a constituição de perguntas de investigação sobre um tipo de dança cujos praticantes interrogam os nacionalismos ao tempo que procuram ressaltar aspectos que consideram particulares e idiossincráticos da salsa. Pergunto-me, também, sobre o uso e a pertinência de autores clássicos junto com uma rica produção textual que desborda as fronteiras nacionais. Assim, reflito sobre a conformação de uma trajetória pessoal que, embora periférica, por vezes é narrada como ?central? e ?branca?. Finalizo a reflexão analisando a relação com os interlocutores da



pesquisa e como isso derivou em dados de investigação e na escrita da tese. No decorrer da pesquisa, escolhi tornar-me, por alguns meses, aprendiz de dança de salsa, a qual é comumente dançada a dois e baseada numa clara distinção de papéis de gênero. Essa escolha implicou numa reflexão sobre a existência de uma condição ou perspectiva feminina na construção de uma narrativa escrita sobre a dança. Essa condição ou perspectiva também teve impacto na forma como passei a enxergar o campo de pesquisa, afetando, portanto, o registro das vivências em campo. Antes que almejar uma sorte de comunhão sensível com os praticantes da dança, busquei ficar mais próxima às interpretações destes sobre a dança, através das palavras e dos gestos. Ao procurar modos de construir o relato, os esquemas / desenhos de passos e coreografias surgiram como dados ? trazendo, também, questões relativas às representações de gênero ? e se entrelaçaram à escrita. Pergunto-me pelas possibilidades de criação de ambientes de imersão para os leitores do meu texto de pesquisa. Entendo, portanto, que as narrativas sobre a construção do campo assim como sobre a posição do pesquisador, são modos de produção de conhecimento antropológico, podendo, quiçá, contribuir para estimular escritas diversas e criativas.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: